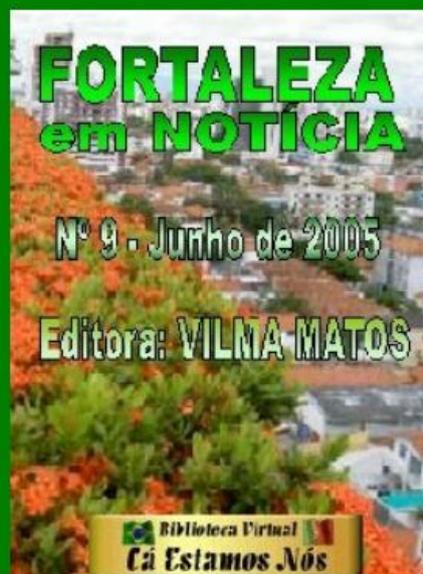


PORTAL Cá Estamos Nós BIBLIOTECA VIRTUAL



1ª Edição Eletrônica

VILMA MATOS
Editora

Capa e Edição Eletrônica: L P Baçan



A CASA DO MAGO DAS LETRAS
O PRAZER E O MISTÉRIO DA LEITURA

Junho de 2005

Direitos exclusivos para língua portuguesa:
Copyright © 2005 dos Autores

Foto da Capa: Fortaleza - Celestino

Fundo musical: *Se todos fossem iguais a você* - Vinícius de Moraes / Tom Jobim

**Distribuição exclusiva através da
Biblioteca Virtual "Cá Estamos Nós".
Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita
desde que sejam preservadas as características originais da obra.
COLABORE NA GRANDE BIBLIOTECA VIRTUAL "CÁ ESTAMOS NÓS"!
<http://www.portalcen.org/bv/index.htm>**

**Divulgação "CÁ ESTAMOS NÓS" - Fundado em 15-07-98
Uma das maiores pontes literárias e de amizade entre Portugal e o Brasil
[Portal "Cá Estamos Nós"](http://www.portalcen.org)**

Somos PRODUTORES e não Repassadores

**Director: Carlos Leite Ribeiro
Marinha Grande - Portugal
diretor@portalcen.org
<http://carlosleiteiribeiro.portalcen.org>**

ENTREVISTA DO TRIMESTRE: José Manuel da Silva



No dia 09 de maio recebi um e-mail de alguém que dizia: "Oi, sou professor e tradutor e vou participar de um evento em Fortaleza. Estava navegando na net procurando um hotel e encontrei teu site (não pergunte como... :-). Vi que você é poeta dentre outras coisas... Antes de continuar no teu site, resolvi te escrever pra saber se você pode me dar uma ajuda. O evento vai ser na Faculdade 7 de Setembro em Água Fria. Você conhece algum hotel nas proximidades? Se conhecer me dá o telefone ou o site.

Agradeço desde já e de repente a gente se encontra para um papo aí... também sou poeta (de gaveta ainda... :-). Desculpe te perturbar com isso."

Esta mensagem me chamou atenção, principalmente, pelo fato de que terminava com "Zé". Pensei, esse cara deve ser muito interessante, pois, nem me conhece e já assinou a mensagem com o famoso "Zé", que se trata de um apelido utilizado por amigos mais próximos. Desci um pouco mais a barra de rolagem e vi que ele assinou o nome José Manuel da Silva, seu cargo funcional Supervisor Acadêmico, endereço completo Av. Na. Sra. de Copacabana 690/6º andar – Copacabana – Rio de Janeiro, R.J e telefone. Então falei para mim mesma, apesar de meu pouquíssimo tempo e do trabalho acumulado, na hora do almoço atenderei ao pedido deste cavalheiro que me pareceu realmente precisar de minha ajuda, afinal

não custa nada ajudar alguém que nos procura. E assim procedi. Após fazer as pesquisas escrevi. Na oportunidade pedi que me falasse um pouco do evento. A resposta dele veio quase imediatamente.

"Vilma, antecipadamente, obrigado pela ajuda. Trata-se de um evento para tradutores. Na verdade ele é organizado por uma associação chamada Braz-Tesol, que é o braço brasileiro do TESOL, uma associação americana para professores de inglês do mundo inteiro. O Braz-Tesol tem SIGs (Special Interest Groups), ou seja, grupos de estudos, e este é um grupo sobre Tradução, no Nordeste. Ele congrega especialistas de determinadas áreas. No caso deste evento, ele foi organizado pelo Translation SIG do Nordeste, na pessoa de Graeme Hodgson, responsável pelo grupo de estudos." O evento aconteceu no sábado dia 21 de maio p.p., momento em que nosso entrevistado apresentou um trabalho que abordava o tema "Tradução de Eventos Virtuais", que é uma nova modalidade de tradução. Este evento reuniu aproximadamente 70 pessoas, sendo tradutores, intérpretes e estudantes de Letras. Após o término do evento, em atendimento ao um pedido nosso, José Manuel nos concedeu uma entrevista para a revista virtual "Fortaleza em Notícias". Em poucos minutos, já estávamos frente a frente e realizando a entrevista propriamente dita. Iniciamos com a pergunta:

FN – Quem é o José Manuel?

JM – Sou engenheiro mecânico, professor de inglês, tradutor, trabalho como Supervisor de Tecnologia Educacional num centro binacional de ensino de inglês no Rio de Janeiro, tenho mestrado em Filologia Românica e nas horas vagas, finjo que sou poeta. No mais, adoro filosofar num bar entardecente em Fortaleza.

FN – O que motivou sua vinda a Fortaleza?

JM – Foi a trabalho, sou professor de inglês e vim representar a empresa em que trabalho, em um congresso sobre tradução.

FN – Esta é a primeira vez que vem a Fortaleza ou já a conhecia?

JM – Eu não conhecia Fortaleza, aliás, o Ceará era um dos poucos estados do Nordeste que eu não conhecia.

FN – Qual era a sua expectativa em conhecer Fortaleza, já que esta é uma cidade turística e bastante conhecida e divulgada?

JM – Infelizmente, minha expectativa não vai ser resolvida, pois eu sempre quis vir a Fortaleza para conhecer Jeriquara e Canoa Quebrada. Só que pelo pouco tempo que vou passar aqui, não vou poder conhecer nada disso, então as minhas expectativas já foram frustradas. Agora, não somente aqui no Ceará, mas o que eu conheço do Nordeste é que tem um povo muito carinhoso e lugares muito bonitos, praias, cidades muito tranquilas. Então, tomando como referência outras cidades nordestinas, encontrei aqui o que eu já esperava. Portanto, não me decepcionei em relação a isso, fiquei apenas decepcionado por não poder ficar um pouco mais.

FN – Além de ser professor, você exerce outras atividades, como produzir literatura ou escreve somente textos didáticos?

JM – Vamos por partes: a primeira é que a escola em que trabalho, inclusive é interessante, porque se chama IBEU, e vocês também têm aqui, um Instituto Brasil-Estados Unidos, só que o de vocês é IBEU-Ce, que diretamente não é ligado ao IBEU-Rio de Janeiro, sendo que tem a mesma proposta de ser uma organização sem fins lucrativos que a gente chama de Centro Binacional. Quanto à outra questão, eu escrevo sim, desde os meus 17 anos que eu escrevo poesias, embora quase nunca publicado. Quer dizer, poesia, crônicas, peças de teatro, uma porção de coisas. "Música também?" Músicas, pouquíssimas, mas escrevi algumas letras e fiz algumas melodias e arranjos, numa época em que eu andava muito com uns músicos e cantores, a gente tocava em barzinhos. Mas meu forte mesmo são as poesias.

FN – Você já ouviu falar no portal CEN – "Cá Estamos Nós"?

JM – Ouvir falar não Agora, eu encontrei o portal CEN e a Vilma, por questão de mero acaso, por conta do destino ou da Internet. Quando eu soube que vinha a Fortaleza para participar do congresso, comecei a pesquisar hotéis nesses mecanismos de buscas tipo Google, qualquer coisa; eu acabei no portal CEN e vendo as fotos, anotei o e-mail da Vilma e como quem não quer nada, pensei, se ela mora em Fortaleza, talvez ela possa me indicar algum hotel. Agora, o motivo pelo qual eu caí no portal CEN e encontrei a Vilma do portal CEN, com a palavra que eu digitei na busca Fortaleza + hotel, não tenho a menor ideia; então pode ter sido algum evento do qual ela participou ou alguma coisa com que ela estava envolvida com a palavra hotel, Fortaleza, Vilma, entre outras, que terminou por me levar até o site dela. Daí, entrei em contato com a Vilma e a gente passou a se corresponder via e-mail. Ela me ajudou a encontrar o hotel em que estamos realizando esta entrevista. Fiquei sabendo que ele pertence a uma rede internacional de hotéis econômicos, chamado Ibis, uma rede francesa. Aliás, pertence à rede francesa Accor, se não estou enganado, e o acaso me trouxe para o portal CEN, pra Vilma e pra este hotel, e daí toda esta conversa.

FN – O que você acha de publicar os seus trabalhos no portal CEN?

JM – Olha, se o portal CEN quiser se arriscar a publicar os meus trabalhos, eu vou adorar, agora, eu não sei se os visitantes e os mantenedores do portal vão gostar do meu trabalho; essa ideia é maravilhosa e a partir de amanhã já poderei mandar todos os meus trabalhos para o portal CEN analisar e decidir se quer publicar alguma coisa.

FN – Bom, então depois veremos essa possibilidade, e desde já fique sabendo que para nós é um prazer. Agora será que tem algo mais que você deseje acrescentar?

JM – Vilma, atualmente eu lido com tecnologia educacional, ou seja, preparação de material para professores e alunos, basicamente relacionado com computador, com páginas da Internet, com exercícios de multimídia, e lido com educação a distância. Toda essa questão que está acontecendo agora desde a visita inesperada ao portal CEN e conhecer a Vilma, isso só confirma o que eu já vinha observando há muito tempo: que a Internet é um mecanismo que, se já não revolucionou, está revolucionando e vai revolucionar todas as relações humanas existentes, e a gente vai ter que se adaptar a um novo tipo de conhecimento, relacionamento, interação e comunicação, porque eu conheci a Vilma, estou neste hotel, eu vinha para o congresso, mas não sabia quem ia conhecer e nem onde ia ficar. Foi a partir da Internet que aliás eu não pedi para conhecer a Vilma e nem o portal, foi a partir de uma pesquisa. Então, se a Internet pode ser usada para fins pedagógicos, a gente ainda não conseguiu medir o componente do acaso, de colocar pessoas desconhecidas em contato e que podem criar um novo tipo de relação que essas pessoas não esperavam encontrar. Se não me falha a memória, a Internet no mês passado completou 10 anos de existência no Brasil. O primeiro link da Embratel foi oficialmente lançado em 1995 e já temos todos esses recursos de que já falamos e também essas coisas inesperadas e muito prazerosas, como conhecer pessoas, conhecer portais, poesias, artes, etc. Que às vezes, se busca e acha, ou então não busca e acha.

FN – O que foi o seu caso: não estava me procurando e terminou por me encontrar, acaso que me fez encontrar você e hoje estamos aqui, frente a frente. Por gentileza, poderia juntar um trabalho de sua autoria?

A CONVERSA DO DESEJO

À Vilma Matos – conversante de primeira.

Entardece o dia, a praia e a cidade
O mormaço convida ao prazer do sedentário
Um bar, um encontro e a novidade
A explosão do inusitado libertário
Aonde irá esta conversa tão intensa
A mente, o desejo, a emoção
O tema, uma possibilidade imensa
Dois seres, filosofia e intuição
São distintos o homem e a mulher
São instintos o acaso e o ensejo
A razão é tudo aquilo que ele quer
Emoção é ela viver como um arpejo
Amanhece uma nova amizade
Um assunto que nunca tem fim
São histórias que não têm idade
A união do como faz com o faz assim.

JMS, Fortaleza-Rio, 2005.

A Quem Pertence O Seu Desejo?

Se você respondeu "a mim", e se você acha que esta é uma pergunta que tem uma resposta óbvia e simples, talvez você esteja enganado(a). Pelo menos é o que se depreende da conversa abaixo entre dois amigos que se encontraram num entardecer em um bar em Fortaleza para falar da vida. Cerveja vai, água de coco vem, a conversa tomou um rumo parte filosófico, parte psicológico, parte esotérico, parte existencial, como toda boa conversa de bar: não chega a lugar algum, mas deixa o seu rastro de seriedade e profundidade escondido na espontaneidade da amizade e do entardecer de um sábado em Fortaleza.

Se você se sentir compelido a continuar esta conversa, criticá-la, tomar partido, elaborá-la, enriquecê-la, envie um e-mail para fortalrio@yahoo.com. Esta conversa foi reduzida por razões de espaço. Se desejar ler a versão completa, clique aqui.

Um alerta: os conversantes não são "profissionais" do coração, da psicologia, da filosofia, nem da verdade. São somente dois seres que pensam, sentem e têm desejos. O resto é lucro. Seja você "profissional" ou "não profissional" das ciências estabelecidas, saiba que será muito bem-vindo(a) a participar da conversa.

Ela: (...) Eu tenho um corpo, mas não sou o meu corpo. Eu tenho uma mente, mas não sou minha mente. A mente tem sentimentos, pensamentos e desejos. Então, quem sou eu? Eu sou um centro de energia inteligente que tudo pode realizar. Sendo o sujeito possuidor, poderei comandar meus sentimentos, pensamentos e desejos. Por exemplo: dê-me aí seu celular. Está vendo, você me deu porque é seu! Assim poderá ser também com seus sentimentos, pensamentos e desejos. Aprendi essas "coisas" no transcorrer de cinco anos, enquanto frequentava o consultório de um médico e relaxterapeuta. Precisava viajar dentro do meu próprio EU, tinha a pretensão de descobrir o porquê de alguns acontecimentos tristes e inevitáveis.

Ele: Então quem é você exatamente? O pensamento, o desejo, a emoção? E o que seria exatamente esse centro de energia? Em outras palavras, quem é a mulher que me fala? Quem é você, a mulher? Eu não lhe dei o celular porque é meu. Eu lhe dei porque você pediu. Vamos esquecer a parte dos pensamentos e dos sentimentos e considerar este exemplo do celular como referente ao "desejo", ao seu desejo de pegar o meu celular. Você teve o desejo de pegar o celular e me pediu. Eu dei. O fato dele ser meu não entrou em jogo; dei em resposta a um pedido seu, que é uma pessoa que está aqui conversando comigo. Se fosse uma desconhecida talvez não desse. Na verdade, quando o desejo sai de você, você deixa de ser dona dele. Seu desejo neste momento passa a ser seu e da outra pessoa, no caso, eu. Eu poderia ter dito não e não ter entregado o celular; eu disse sim, mas poderia ter dito não. Se eu não lhe desse o celular, você ficaria frustrada, ou irritada, ou qualquer outra coisa. Eu dei e você ficou satisfeita. Mas no momento em que eu decidi dar (como poderia ser o momento de ter decidido não dar), eu passei a compartilhar o seu desejo, que não é mais seu. Agora não se trata mais do seu desejo, mas do nosso desejo.

Ela: Mas é claro que o desejo é meu. O fato de você ter atendido ao meu pedido, não significa que seja este o seu desejo de me entregar o seu celular: você o entregou a mim porque ele é seu. Acontece que neste momento, o meu desejo foi satisfeito, independente do seu.

Ele: Acho que as coisas não se resumem assim tão simplificada. Vejamos:

(1) Você tem um desejo. Ele é seu, unicamente seu. Enquanto ele estiver dentro de você, enquanto somente você tiver conhecimento dele, enquanto você o guardar para si, ele é seu, e só seu. (2) A partir do momento em que você torna seu desejo "público", mesmo que seja somente para mim, ele deixa de ser seu, até porque a satisfação deste desejo (que era somente seu e não é mais) passará pela minha decisão, concordância ou discordância. (3) A partir do momento em que você "publica" seu desejo, um desejo meu entra em ação: o desejo de lhe dar o celular ou não.

Na verdade, agora temos dois desejos em ação. O seu desejo original de ter meu celular em suas mãos e o meu desejo de lhe dar o celular ou não. O seu desejo não é mais seu, ele é parte meu e parte seu. O meu desejo por enquanto é só meu, até o momento em que eu manifestar minha concordância ou discordância. No caso, eu entreguei o celular sem titubear, ou seja, atendi o seu desejo. Mas isso não quer dizer que o seu desejo original continue sendo seu, ele agora me pertence também em parte.

Agora vamos ver outro detalhe. Você diz que eu lhe entreguei o celular porque ele é meu, ou seja, você está ligando a satisfação do seu desejo a meu sentimento de posse pelo objeto do seu desejo. Será que é isso mesmo? Se for isso mesmo, é mais fácil de entender o mecanismo. (a) Você tem um desejo que é só seu; (b) Você manifesta esse desejo a mim; (c) Eu baseio esse seu desejo na minha propriedade do objeto do seu desejo; (d) Eu decido se entrego o objeto do seu desejo ou não; (e) Esta decisão é só minha; (f) Seu desejo, que continua sendo só seu, será satisfeito ou não, dependendo da minha decisão. Neste caso, nossas individualidades serão totalmente preservadas, seu desejo é seu, minha decisão é minha, e nossa interação é superficial. Será que neste caso você poderia ficar frustrada, triste, chateada, irritada com a minha recusa em lhe entregar o celular?

Analisemos outra lógica. (a) Você tem um desejo que é só seu; (b) Você manifesta esse desejo a mim; (c) Seu desejo passa a ser compartilhado comigo, ou seja, seu desejo agora é parte seu e parte meu; (d) Eu não mais baseio esse seu desejo puramente na minha propriedade do objeto do seu desejo; a mecânica agora mudou, pois seu desejo, que passou a ser parte meu também, terá uma repercussão em mim, como um desejo meu, quer dizer, a parte do seu desejo que passou a ser minha vai repercutir diferentemente em mim; (e) Eu vou basear a minha decisão no meu próprio desejo, na parte do seu desejo que passou a ser minha; minha decisão será baseada em toda nossa história, ou em parte dela; (f) Nossa interação agora é mais profunda porque o seu desejo passou a ser parte meu, e minha satisfação ou não do seu desejo terá outras conotações para você e para mim; (g) Embora nossas individualidades continuem preservadas, devido a este compartilhamento de um desejo que era só seu e passou a ser nosso, pelo menos no momento fugaz que vai do pedido à entrega ou não do celular, nossas individualidades se unem e somos um ser só, porém duplo. Devido a isso, talvez seus sentimentos de frustração, tristeza, chateação e irritação sejam mais intensos. E mais: é bem possível que eu me sensibilize também com minha aceitação ou negativa do seu pedido, pois agora não se trata mais de um desejo seu, isolado, mas de um desejo seu que passou a ser parte meu também.

Ela: Eu digo que o meu desejo foi satisfeito por sua concordância e não pelo seu desejo. Será que o fato do meu desejo ter se tornado "público" passa a ser seu e dos demais? Continuo defendendo que não é por este simples fato que alguém possa por ele se interessar. A não ser que, na ocasião em que manifestei meu desejo por um determinado objeto,

alguém também demonstre interesse. Se levamos em conta que nem sempre o que é bom para mim poderá ser para os outros veremos que, dessa forma, não haverá possibilidade de ser feita tal divisão.

Você automaticamente entregou-me o objeto de meu desejo. Este lhe pertencia e estava exposto em cima da mesa. Não se esqueça de que, enquanto eu falava, você permanecia atento ao que eu lhe dizia sobre a tese de como administrar o desejo. Naquele momento, sem dúvida que o meu desejo foi satisfeito; por isso, digo que este meu desejo continua sendo só meu: em momento algum foi dividido com você. Acredito que se tratou de uma "ação mecânica" de sua parte, em resposta ao meu pedido. Neste caso específico, jamais o meu desejo esteve direcionado para o objeto que por ventura lhe pertencia. A verdade é que me dei por satisfeita, mesmo quando no decorrer de nosso diálogo você confessou que me teria entregado o celular, ainda que não fosse seu. Esse comportamento de sua parte mais uma vez me faz crer que tratou-se de um ato involuntário, mecânico.

Olhando por outro ângulo, tudo isso chega a ser interessante, envolvente, quase que convincente, mas você se esquece de que, durante a conversa, tratamos do objeto de meu desejo, que era o seu celular. A sua participação se deu involuntariamente, no ato de dar-me o celular que por ventura era seu. Quando se é envolvido em uma determinada situação, como é o caso, você está apenas colaborando com a realização do meu desejo, que é só meu. De acordo com o que venho defendendo durante toda a nossa conversa, não consigo aceitar esta divisão, pois entendo que o desejo é pessoal, indivisível e inerente a cada ser humano. Sendo que cada pessoa deverá direcionar e administrar seus próprios desejos, sem se deixar influenciar por terceiros, para assim não viver a vida, desejando objetos que pertencem o que é de outros (objetos ou sentimentos) e sendo infeliz, por não obtê-los. O desejo não poderá ser dividido, por se tratar da essência, da alma que anima o corpo humano.

Ele: Isto é verdade, mas numa visão superficial da coisa. Veja bem: você teve um desejo e me pediu uma coisa; eu dei, ou seja concordei, satisfiz o seu desejo, mas isso somente porque A PARTE DO SEU DESEJO QUE VIROU MEU DESEJO foi igual ao seu. Ou seja, no exato momento em que eu dei o celular, nossos desejos coincidiram: o seu desejo INTEIRO e o meu desejo que era UMA PARTE DO SEU E QUE VIROU MEU. Agora veja uma coisa importante: não se trata de se "tornar público" e sim "comunicado ao dono do objeto do desejo". Na nossa conversa, você me pediu o celular. Foi um desejo seu. Não se trata de eu me interessar pelo seu desejo ou pelo objeto dele (o meu celular). Trata-se de eu COMPARTILHAR O SEU DESEJO. E isso independe de você, vai acontecer de qualquer maneira, a partir do momento em que eu sei do seu desejo. Você não pode evitar isso.

Se eu aceitar o seu pedido, ou seja, satisfizer o seu desejo, isso significa que O SEU DESEJO TODO e o MEU DESEJO, que é nada mais nada menos do que PARTE DO SEU DESEJO, são iguais. Se eu negar o seu pedido, ou seja, não satisfizer o seu desejo, isso significa que O SEU DESEJO TODO e o MEU DESEJO, que é PARTE DO SEU DESEJO, são diferentes. São dois desejos, sendo um todo seu e outro parte seu, parte meu. O fato do seu desejo ter sido satisfeito por mim não quer dizer que ele continua sendo só seu e todo seu. E exatamente porque o seu desejo passou a ser parte meu é que eu lhe entreguei o celular, quer dizer, porque meu desejo, que é parte do seu, foi igual ao seu desejo original. Tampouco acho que foi ação mecânica eu entregar o celular. Você me fez um pedido, eu avaliei o pedido e tomei uma decisão. Entregar o celular, ou seja, satisfazer o seu pedido.

Interessante quando você comenta que "quando se é envolvido em uma determinada situação para a realização do desejo de outra pessoa, você está apenas colaborando". O que é essa colaboração, se não a satisfação de um desejo mútuo? O seu desejo e o meu (que é parte do seu). Se eu passo a colaborar com a realização do seu desejo, é porque ele também é meu; e mesmo no caso contrário, de não satisfazer o seu desejo, parte do seu desejo continuaria sendo minha, só que os dois desejos não coincidiram.

Ela: Não devemos confundir concordância com desejo. Afinal você me entregou o seu celular, automaticamente e sem titubear; portanto, o meu desejo foi satisfeito pela sua concordância. Na verdade o meu desejo foi direcionado por um celular que por ventura era seu. Portanto, continuo afirmando que o meu desejo continua sendo só meu. Não vejo esse "compartilhamento" de desejo; o que aconteceu foi uma ação mecânica, ação esta que resultou na satisfação do meu desejo, que é só meu. Jamais o meu desejo se encontrou com o seu, que é só seu, e o meu permaneceu só meu. Não é que o meu desejo dependa de outra pessoa, o que pode acontecer é que o meu desejo não seja satisfeito, mas isso não muda nada, ele continua sendo meu desejo, apenas não foi satisfeito. Já neste caso que estamos discutindo, foi bem diferente, pois o meu desejo foi satisfeito por sua concordância.

Ele: Bem, acho que temos opiniões divergentes quanto a isso... Talvez fosse interessante ouvir o que outras pessoas têm a dizer sobre o assunto...

Nota: Este é um trabalho de José Manuel e Vilma Matos.

No final desta conversa, em nome da revista virtual "Fortaleza em Notícias" e do Carlos Leite Ribeiro – Diretor do portal CEN, queremos agradecer a gentileza do professor, poeta e escritor José Manuel Silva em ter nos concedido esta entrevista, para assim, mais uma vez, darmos continuidade a este trabalho de amor à arte e à cultura. Tudo transcorreu em um clima agradável e de bastante interação. O convívio entre as pessoas é imprescindível para que se tenha uma melhor qualidade de vida.

Nota de 2013 – Os links e endereços de email constantes do texto acima não estão mais ativos.

Analisemos outra lógica. (a) Você tem um desejo que é só seu; (b) Você manifesta esse desejo a mim; (c) Seu desejo passa a ser compartilhado comigo, ou seja, seu desejo agora é parte seu e parte meu; (d) Eu não mais baseio esse seu desejo puramente na minha propriedade do objeto do seu desejo; a mecânica agora mudou, pois seu desejo, que passou a ser parte meu também, terá uma repercussão em mim, como um desejo meu, quer dizer, a parte do seu desejo que passou a ser minha vai repercutir diferentemente em mim; (e) Eu vou basear a minha decisão no meu próprio desejo, na parte do seu desejo que passou a ser minha; minha decisão será baseada em toda nossa história, ou em parte dela; (f) Nossa interação agora é mais profunda porque o seu desejo passou a ser parte meu, e minha satisfação ou não do seu desejo terá outras conotações para você e para mim; (g) Embora nossas individualidades continuem preservadas, devido a este compartilhamento de um desejo que era só seu e passou a ser nosso, pelo menos no momento fugaz que vai do pedido à entrega ou não do celular, nossas individualidades se unem e somos um ser só, porém duplo. Devido a isso, talvez seus sentimentos de frustração, tristeza, chateação e irritação sejam mais intensos. E mais: é bem possível que eu me sensibilize também com minha aceitação ou negativa do seu pedido, pois agora não se trata mais de um desejo seu, isolado, mas de um desejo seu que passou a ser parte meu também.

Acho que é por isso que as pessoas se frustram erradamente, pois não analisam o desejo do outro e de si mesmo. Na verdade, você tem razão no que diz, na minha opinião, claro, mas acho que só na origem da coisa. Quando você sente o desejo de pegar meu celular e de me pedir para que o entregue a você, este desejo é só seu. Até aí tudo bem. Mas quando você expressa este desejo a mim, ele já não é só seu; ele é nosso. Por isso, acho que neste momento passamos a interagir mais intensamente e agora teremos de lidar com dois desejos, e não um só. Ou melhor, um só, mas que é parte seu e parte meu.

Ela: Eu penso que o meu desejo foi satisfeito por sua concordância e não pelo seu desejo. Digamos que alguém deseje comer um pedaço de seu braço e isso se torne público. Será que esse desejo passará também a ser seu e dos demais? Continuo defendendo que não é pelo simples fato de tornarmos "público" o nosso desejo, que alguém possa por ele se interessar. A não ser que, na ocasião em que manifestei meu desejo por um determinado objeto, alguém também demonstre interesse. Se levarmos em conta que nem sempre o que é bom para mim poderá ser para os outros, veremos que, dessa forma, não haverá possibilidade de ser feita tal divisão. E não se esqueça de que ainda existe uma outra opção e esta poderá entrar neste contexto, que é a ação involuntária, o que em qualquer uma destas situações seria diferente do meu desejo, que era receber. Concordo quando você diz que são dois desejos em ação. Vejamos: para mim, é necessário receber o seu celular para satisfazer o meu desejo. Já você tem duas opções. Primeira: se vai concordar pelo simples fato de concordar. Segunda: se vai deixar que se manifeste em si o mesmo desejo de ficar com o celular. Se assim fosse, o seu desejo seria igual ao meu; então, cada um estaria direcionando o seu desejo para um único objeto, sendo que neste caso específico, só você teria a condição de me satisfazer ou não, já que o objeto de nosso desejo lhe pertence.

Você automaticamente entregou-me o objeto de meu desejo. Este lhe pertencia e estava exposto em cima da mesa. Não se esqueça de que, enquanto eu falava, você permanecia atento ao que eu lhe dizia sobre a tese de como administrar o desejo. Naquele momento, sem dúvida que o meu desejo foi satisfeito; por isso, digo que este meu desejo continua sendo só meu: em momento algum foi dividido com você. Vê-se claramente que, após estes esclarecimentos, só me resta acreditar que o episódio resultou numa "ação mecânica", em resposta ao meu pedido. Neste caso específico, jamais o meu desejo esteve direcionado para o objeto que por ventura lhe pertencia. A verdade é que me dei por satisfeita, mesmo quando no decorrer de nosso diálogo você confessou que me teria entregado o celular, mesmo que não fosse seu. Esse comportamento de sua parte mais uma vez me faz crer que foi um ato involuntário, mecânico.

Olhando por outro ângulo, tudo isso chega a ser interessante, envolvente, quase que convincente, mas você se esquece de que, durante a conversa, tratamos do objeto de meu desejo, que era o seu celular. A sua participação se deu na realização do meu desejo. Quando se é envolvido em uma determinada situação para a realização do desejo de outra pessoa, você está apenas colaborando. Muito embora seja inconsciente, mas não se deixa de estar influenciando pela realização deste desejo que não lhe pertence. De acordo com o que venho defendendo durante toda a nossa conversa, não consigo aceitar esta divisão, pois entendo que o desejo é pessoal, indivisível e inerente a cada ser humano. Sendo que cada pessoa deverá direcionar e administrar seus próprios desejos, sem se deixar influenciar por terceiros, para assim não viver a vida, desejando o que é de outros e sendo infeliz. O desejo não poderá ser dividido, por se tratar da essência, da alma que anima o corpo humano.

Ele: Isto é verdade, mas numa visão superficial da coisa. Veja bem: você teve um desejo e me pediu uma coisa; eu dei, ou seja concordei, satisfiz o seu desejo, mas isso somente porque A PARTE DO SEU DESEJO QUE VIROU MEU DESEJO foi igual ao seu. Ou seja, no exato momento em que eu dei o celular, nossos desejos coincidiram: o seu desejo INTEIRO e o meu desejo que era UMA PARTE DO SEU E QUE VIROU MEU. Você disse: "Digamos que alguém deseje comer um pedaço de seu braço e isso se torne público. Será que esse desejo passará também a ser seu e dos demais?" Dos demais não, mas desse alguém sim. Agora veja uma coisa importante: não se trata de se "tornar público" e sim "comunicado ao dono do objeto do desejo". Por isso, no seu exemplo do braço, o desejo de quem deseja comê-lo passa a ser meu também em parte, já que sou o dono do braço. Você disse: "Continuo defendendo que não é pelo simples fato de tornarmos 'público' o nosso desejo que alguém possa por ele se interessar." Não se trata de "se interessar", não é isso. E "público" aqui significa, como eu disse acima, ser "comunicado ao dono do objeto do desejo". Isso é independente da pessoa que teve o desejo. A partir do momento em que ele foi verbalizado, ou expresso de qualquer outra forma, ele passa a ser compartilhado; não tem

volta. Note que eu falei em "qualquer outra forma" que não seja a fala. Um exemplo extremo: se uma mulher se insinua para mim sexualmente, ela não precisa falar que deseja ir para a cama comigo. Se ela começar a se encostar em mim, tomar iniciativas, me beijar, etc., não precisa haver fala... Ela está manifestando o seu desejo, que, a partir deste momento, é meu também... Volto a dizer que não se trata de interesse... É compartilhamento do desejo. Na nossa conversa, você me pediu o celular. Foi um desejo seu. Não se trata de eu me interessar pelo seu desejo ou pelo objeto dele (o meu celular). Trata-se de eu COMPARTILHAR O SEU DESEJO. E isso independe de você, vai acontecer de qualquer maneira, a partir do momento em que eu sei do seu desejo. Você não pode evitar isso.

Quando você diz que "se levarmos em conta que nem sempre o que é bom para nós poderá ser para os outros, veremos que dessa forma não haverá possibilidade de ser feita tal divisão", eu sustento que há. E justamente pela razão que você aponta. Você manifesta um desejo, digamos, de me matar. Este desejo é seu. A partir do momento em que você o transmite a mim, parte dele passa a ser meu também. Só que "isso não vai ser bom para mim", como você colocou. E exatamente por isso, eu não vou atendê-lo, ou vou tentar não atendê-lo (se você for uma assassina, talvez eu não possa evitar, mas não terá tido minha concordância se eu morrer nas suas mãos :-). Ou seja, a parte do seu desejo que é minha também não foi satisfeita por mim, só porque não satisfaz a minha parte do seu desejo.

Se eu aceitar o seu pedido, ou seja, satisfizer o seu desejo, isso significa que O SEU DESEJO TODO e o MEU DESEJO, que é nada mais nada menos do que PARTE DO SEU DESEJO, são iguais. Se eu negar o seu pedido, ou seja, não satisfizer o seu desejo, isso significa que O SEU DESEJO TODO e o MEU DESEJO, que é PARTE DO SEU DESEJO, são diferentes. São dois desejos, sendo um todo seu e outro parte seu parte meu. Você também disse que "automaticamente entregou-me o objeto de meu desejo", que ele me pertencia e estava exposto em cima da mesa. "Naquele momento, sem dúvida que o meu desejo foi satisfeito; por isso, digo que este meu desejo continua sendo só meu. Em momento algum foi dividido com você." Eu discordo. O fato do seu desejo ter sido satisfeito por mim não quer dizer que ele continua sendo só seu e todo seu. Como eu disse acima, o seu desejo e o meu (que é parte do seu) coincidiram. Só isso. E exatamente porque o seu desejo passou a ser parte meu é que eu lhe entreguei o celular, quer dizer, porque meu desejo, que é parte do seu, foi igual ao seu desejo original. Tampouco acho que foi ação mecânica eu entregar o celular. Você me fez um pedido, eu avalei o pedido e tomei uma decisão. Entregar o celular, ou seja, satisfazer o seu pedido. Jamais foi uma ação mecânica. Se isso foi uma ação mecânica, isso quer dizer que eu lhe entregaria o braço, caso você desejasse comê-lo, como disse acima? Ou eu resistiria em satisfazer o seu desejo? Não se trata de ação mecânica e sim da satisfação ou não do seu desejo, que passou a ser meu também.

Interessante quando você comenta que "quando se é envolvido em uma determinada situação para a realização do desejo de outra pessoa, você está apenas colaborando". O que é essa colaboração, se não a satisfação de um desejo mútuo? O seu desejo e o meu (que é parte do seu). Se eu passo a colaborar com a realização do seu desejo, é porque ele também é meu; e mesmo no caso contrário, de não satisfazer o seu desejo, parte do seu desejo continuaria sendo minha, só que os dois desejos não coincidiram. A partir do momento em que eu tomo conhecimento do seu desejo, ele passa a ser meu também. Se não fosse assim, você seria a única pessoa no mundo capaz de satisfazer seu próprio desejo. No caso do celular, por exemplo, isso não é verdade. A satisfação do seu desejo depende de mim, de eu entregar ou não o celular. E isso acontecerá sempre, em relação a qualquer desejo. Você deixa de ser completamente responsável pelo objeto do seu desejo a partir do momento em que ele é transmitido ao dono do objeto do seu desejo, e especialmente a partir do momento em que a satisfação do seu desejo não depende só de você e sim do outro. Quanto a "administrar os próprios desejos" isto pode ser interpretado de duas maneiras: (1) não deixar que estes desejos dependam de outro (o que nem sempre é possível); (2) ter consciência de que os próprios desejos muitas vezes dependem do outro e estar preparado para uma recusa em sua satisfação. De qualquer forma, isso só acontece porque os desejos são compartilhados.

O tema "o desejo não poderá ser dividido, por tratar-se da essência, da alma que anima o corpo humano" talvez mereça outra discussão, mas não vejo assim. O desejo pode até ser parte da essência, da alma que anima o corpo humano, mas se este desejo não depende somente deste ser humano, ele perde sua indivisibilidade, pelo menos em parte. Um exemplo: se você deseja emagrecer, em princípio isso só depende de você. Feche a boca e faça exercícios. Neste caso, o desejo é só seu. Sendo que mesmo aí a coisa pode complicar, por exemplo, se você pedir a ajuda de um professor de ginástica. Neste caso, você vai depender dele querer ou não ser seu professor. E por aí vai... No outro extremo, considere entrar numa loja e pedir um televisor gratuitamente. Não depende só de você. Vai depender do vendedor concordar ou não. Em outras palavras, dele também ter o desejo de lhe ofertar o televisor. Em caso afirmativo ou negativo, a concordância ou discordância só se dá porque o desejo dele coincidiu com o seu, ou seja, você desejou receber o televisor e ele desejou lhe dar o televisor. Dois desejos, um de receber e o outro de dar. Mas o desejo dele só surgiu a partir do seu, pois o desejo dele não existia antes de ouvir o seu. E, na minha lógica, o desejo dele é parte do seu desejo original. O desejo de dar neste caso é parte do desejo de receber.

Ela: Não devemos confundir concordância com desejo. Afinal você me entregou o seu celular, automaticamente e sem titubear; portanto, o meu desejo foi satisfeito pela sua concordância. Na verdade o meu desejo foi direcionado por um celular que por ventura era seu. Portanto, continuo afirmando que o meu desejo continua sendo só meu. Não vejo esse "compartilhamento" de desejo; o que aconteceu foi uma ação mecânica, ação esta que resultou na satisfação do meu desejo, que é só meu. Jamais o meu desejo se encontrou com o seu, que é só seu, e o meu permaneceu só meu. Não é que o meu

